

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT07.012

## REFLEXÕES SOBRE IDENTITARISMO EXTREMO E OUTRAS FICÇÕES CISHETEROSEXISTAS NA ESCOLA A PARTIR DE UM DEVIR-TRANS

João Gomes Luiz<sup>1</sup>

### RESUMO

A ideia de “identitarismo extremo” é comumente mencionada na atualidade em debates progressistas para deslegitimar pautas de gênero, sexualidade e identidade em nome de uma suposta luta mais ampla (como a luta de classes). A partir desse imbróglio, esta discussão propõe problematizar o mito do identitarismo extremo e outras ficções de raízes cisheterosexistas a partir do devir identitário de um docente transgênero nas redes municipal e estadual de ensino da cidade de Fortaleza-Ce. Autores como Quinalha (2022) revelam a conotação negativa sobre questões de gênero por movimentos de esquerda já no século XX como um “problema pequeno-burguês”, um suposto desvirtuamento do propósito emancipatório da classe trabalhadora. Tal situação revela, na verdade, a força do regime da diferença sexual, o qual alude à normatização binária dos corpos e à aversão ao que irrompe disparidades. Urge, pois, conforme Preciado (2023), Butler (2024) e Oyěwùmí (2002) a desconstrução de uma visão biológica do gênero, a qual vislumbraria uma perspectiva rizomática, apoiando-se em Deleuze e Guattari (2020), permitindo suas inúmeras combinações e possibilidades. Dessa forma, com base nesses estudos, o presente trabalho aponta para o caminho da emancipação

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, eijoa94@gmail.com.

humana na educação através de uma abordagem interseccional e contínua pelo incessante direito de devir.

**Palavras-chave:** Identidade de gênero, Identitarismo extremo, Educação inclusiva, Cisheterossexismo, Devir-trans.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central promover a reflexão sobre o mito do identitarismo extremo e de outras ficções de raízes no cisheterossexismo a partir da narrativa do devir identitário do autor, um homem transgênero, docente da educação básica – de 2023 ao presente – da rede municipal de ensino da cidade Fortaleza-CE, cuja trajetória de magistério também foi percorrida pela rede estadual de ensino do Ceará, de 2017 a 2022.

É válido afirmar, primeiramente, que pesquisar e escrever sobre marcadores sociais de identidade de gênero e orientação sexual se constitui, ainda, sob uma ótica desafiadora, mediante o fato de pautas identitárias (de raça, gênero e sexualidade) serem enxergadas, mesmo em espaços progressistas, como pautas secundárias, menores ou acessórias ante uma luta supostamente mais ampla e urgente, como a luta de classes. Adicionado a esta questão como pano de fundo o campo educacional, as problemáticas tomam uma forma mais densa, haja vista o alastramento pelo imaginário do “cidadão de bem” de uma obsessão por combater a suposta doutrinação imposta a seus filhos nas escolas por parte de professores que demonstrem o mínimo de criticidade ante pautas pontuadoras da diferença no que tange a temas sensíveis para o construto patriarcalista, como gênero e sexualidade.

Esse cenário, intensificado na era do capitalismo de crise<sup>2</sup>, visível nos EUA de Trump e no Brasil com a onda bolsonarista, é alimentado por fake

---

2 2 O psicanalista Douglas Barros, em “O que é identitarismo?” (2024) versa sobre o capitalismo de crise como uma das nomenclaturas acertadas para uma característica inerente ao referido modelo econômico-político, cuja análise de fases turbulentas torna-se o âmago

news difundidas pela extrema-direita, que trava uma cruzada contra a fantasmagórica “ideologia de gênero”, ficção criada e espalhada para sustentar o medo e distorcer debates sobre infância e diversidade.

Nesse sentido, navegando pelos mares dos mitos e das ficções perigosas de extermínio às corporeidades dissidentes e a ideias que fogem à norma dos papéis de gênero e do disciplinamento dos afetos e dos comportamentos, este trabalho é animado a partir da problematização acerca de quais os efeitos das ficções cisheterossexistas disseminadas no ambiente escolar percebidos pela vivência de um professor transgênero. Em outras palavras, de que maneira as armadilhas criadas pelo binarismo de gênero e pela cisheteronormatividade afetam a manutenção de relações saudáveis entre as diferenças de gênero e de sexualidade presentes na nas relações e conexões estabelecidas no campo educacional?

Não como um modo de solucionar prontamente essa questão, mas no sentido de abrir caminhos de pensar movimentos plurais acerca desse questionamento ramificado, o presente trabalho uma escrita de si em com três objetivos específicos: a) Analisar criticamente os modos pelos quais os discursos de “cosmovisão” engendram sentidos de inadequação das experiências não normativas, evidenciando como tais enunciados se articulam às dinâmicas de poder que atravessam a gestão da diferença no espaço escolar; b) desenvolver percursos de discussão sobre cosmovisão, identidade, nacionalismo, masculinidade e identitarismo, analisando como essas noções atravessam a configuração subjetiva dos indivíduos e moldam comportamentos coletivos sob a égide da cisheteronormatividade; c) refletir sobre a importância da construção de espaços pedagógicos mais abertos à pluralidade de experiências de gênero e de sexualidade numa perspectiva rizomática do ser.

O caminho metodológico a ser percorrido neste trabalho se dará pela inscrição de reflexões através das percepções do autor proporcionadas

---

para compreendê-lo. As crises pelas quais passa o capitalismo é decorrente do seu modus operandi neoliberal, predatório e especulativo associado, na atualidade, à gestão identitária de massas, acentuado pela algoritmização dos modelos de vida das populações.

por uma “escrita de si”, de viés qualitativo, mediante o fato de que tal engendramento possibilita a vazão à possibilidade de, epistemologicamente, fazer surgir “pedagogias da experiência”, conforme pontua Gussi (2005). Para o teórico, o *modus operandi* da valorização das narrativas faz nascer um

[...] processo de aprendizagem, entre o vivido, o narrado e o interpretado, na medida em que os sujeitos, envolvidos na pesquisa e na produção do conhecimento, realizam uma reflexão sobre si mesmos, tomando como ponto de partida suas experiências (GUSSI, 2005, p. 6).

Nesse sentido, aliando as vivências do autor em diálogo com autorias da Teoria Queer e da Filosofia da Diferença, de modo a refletir sobre o poder político e o controle e corporeidades e sexualidades, o presente trabalho percorrerá o sentido de construção de pontes entre os estudos de gênero do Norte e do Sul globais, no que tange, principalmente, à vivência brasileira no enfrentamento a ficções discursivas nocivas à noção de diferença no campo educacional, principalmente, sob a generificação e racialização de corpos, corpes e corpos<sup>3</sup>.

Na educação, tais conceitualizações se atualizam em práticas que reforçam a intolerância diante do que se tem como o “Outro”, numa lógica em que não se considera a alteridade nem seu direito de potência.

Pensando esses contextos, o presente texto seguirá após a presente Introdução, 3 seções: a primeira, problematiza a noção de cosmovisão, seguindo os estudos de Oyěwùmí (2004) e percepções do autor do pre-

---

3 Pensar outras desinências para o substantivo corpo é um caminho frequentemente utilizado em discursos contra-hegemônicos para fazer referência a experiências femininas, principalmente, aquelas estigmatizadas, num espectro de quebra de cisgeneridade, de identificação não binária e de referência de magreza. Enquanto o termo “corpo” alude a questões referentes a um estrito olhar biológico e não problematizado, “corpa” ou “corpe” propõe uma visão política do que pode um corpo. Esses neologismos os quais ganham espaço na atualidade causam estranheza e demarcam incômodos que, além de desafiar purismos linguísticos, não fazem sentido mediante a própria vivacidade que um sistema linguístico possui, visto que a Língua não é preexistente ao vivido. Ela se constitui, porque, o experienciado lhe dá vazão e lhe dota de mutabilidade.

sente trabalho, mediante os modos pelos quais os discursos de privilégio do sentido visual desqualificam experiências dissidentes, dando vazão à percepção sobre como a noção de imagem está arraigada ao discurso cisheteronormativo e aos enunciados que articulam dinâmicas de poder que atravessam a gestão da diferença no espaço escolar.

A seção 2 desenvolve, continuando a discussão sobre a ideia de cosmovisão, percursos de problematização das noções de identidade e das formas de identitarismo a partir das vivências do autor do presente trabalho, analisando como esses termos moldam as subjetividades e os comportamentos coletivos sob a égide do cisheteronormativismo. A seção 3 traz a reflexão sobre a importância da construção de espaços pedagógicos mais abertos à pluralidade de experiências de gênero e de sexualidade numa perspectiva da ideia de rizoma, de Gilles Deleuze, como uma confluência de relações de forças na construção subjetiva-coletiva. Por fim, a seção final, como arremate das discussões, buscará sintetizar os principais tensionamentos apresentados ao longo do texto, relacionando como a educação pode se constituir como um espaço ético e político de resistência às normatividades que limitam a pluralidade das existências.

## 2 ECOS DO REGIME DA DIFERENÇA SEXUAL NO PRESENTE DE UM DEVIR-TRANS

Esta seção pretende problematizar as reverberações do regime da diferença sexual, tomando a experiência do autor como mulher cis lésbica, posteriormente, como homem trans hétero no campo educacional, com o fito de tensionar o papel imperativo do sentido imagético no sistema de imposição político-sexual da experiência cisheteronormativa na sociedade.

É possível afirmarmos que as pessoas trans, no exercício da docência, podem promover a desestabilização de ritos linguísticos, comportamentais e epistemológicos formadores da lógica que fundamenta o regime da diferença sexual, o qual também está presente nas imagens sociais do

que é ser um professor. É válido ressaltarmos que tal regime não é algo natural, mas uma epistemologia, “um sistema histórico de representações, um conjunto de discursos, instituições, convenções, práticas, acordos culturais (sejam eles simbólicos, religiosos, científicos, técnicos, comerciais ou comunicativos)” (Preciado, 2022, p. 50) que norteiam a decisão social entre o que verdadeiro e o que é falso.

Utilizando o recurso da imagem, termo que será constantemente abordado neste texto, a seguir, há um registro de um feixe de espaço-tempo simbólico da infância do autor, de um desfile de uma Comemoração da Independência do Brasil, no início dos anos 2000.

**Figura 1.** Autor, em meados dos anos 2000, em desfile do 7 de setembro.



**Fonte:** Acervo pessoal.

Não portava meias e sapatinhos brancos como os das demais meninas, tampouco estava confortável por não poder comprar esses artefatos, que a professora já havia me dito que necessitaria. Como era de uma família humilde, não podia estar a rigor. Seu pai, orgulhoso e amoroso, fez questão de pagar um fotógrafo para o registro. Em segundo plano, há o zelo e o cuidado das mulheres, provavelmente, mães das garotas.

O pai, provavelmente, não percebera seu desconforto. Olhares estranhavam seus trajés. Essa foto é como um registro de como se sentia diante do regime da diferença sexual. O autor foi uma criança *queer*, que tinha medo de se aproximar do que fosse LGBTQIAP+<sup>4</sup>, ou GLS, como se dizia à época. Suas referências positivas dessa comunidade eram escassas<sup>5</sup>. No bairro humilde em que morou na infância, algumas das pessoas abertamente LGBTQIAP+, ou, mais precisamente, trans/travestis, morreram devido a complicações com o vírus do HIV ou viviam em seus subempregos de modo envergonhado. Não eram sinônimo de sucesso, de orgulho, de poder, pois ainda no início dos anos 2000, não havia a viralização desse debate, tampouco o *boom* das redes sociais. Celular foi um aparelho que tardiamente chegou em sua casa. Como uma criança naquela época vai olhar para essas simbologias tão estigmatizadas pela sociedade e proclamar-se parte deste universo? E, mesmo que compreendesse o direito de ser quem nem sabia ainda ser,

Quem defende os direitos da criança diferente? Quem defende os direitos do menino que gosta de vestir rosa? E da menina

- 
- 4 Este trabalho adota a sigla LGBTQIAP+ e, por vezes, o termo *queer* para me referir à diversidade de orientações sexuais e de identidades de gênero existentes. Outros trabalhos os quais serão citados neste artigo, entretanto, utilizam-na de modo diferente, por exemplo: Renan Quinalha emprega a sigla LGBTI+; Paul Preciado adota, frequentemente, o termo *queer*, tal qual Judith Butler. Essas diferenças mostram a multiplicidade de maneiras de repetição dos devires desta comunidade de dissidentes de gênero e de orientação sexual e das facetas sociolinguísticas para expressar esses devires. O leitor deve entender essas grafias e conceitos que ora se chocam, ora se complementam como a força plural de poder dizer-se e afirmar-se no mundo, seja com a experiência de afirmar-se travesti no Brasil, seja com as muxes, um termo utilizado para designar um terceiro gênero reconhecido e celebrado na região de Istmo de Tehuantepec, no estado mexicano de Oaxaca. Brasil e México, mesmo compartilhando desafios comuns que os fazem ser Sul Global, vivenciam identidades próprias de suas culturas. É importante compreender que o símbolo do “+” revela as infinitas possibilidades abrigadas nesta comunidade-movimento, inclusive, a fluidez de formas de ser que ainda estão por vir. Ademais, quando for utilizada a citação dos/as teóricos/as, será mantida a grafia adotada pelos/as estudiosos/as.
- 5 Diante da necessidade de se afirmar e constituir em contraposição a valores tão difundidos socialmente para se conectar a uma tradição de corpos estigmatizados, o grande desafio da comunidade LGBTQI+ é se construir em contextos sempre adversos a partir de fragmentos, pedaços e estilhaços que vão sendo combinados e organizados para dar um sentido positivo às existências (QUINALHA, 2022, p. 22).

que sonha em se casar com a melhor amiga? Quem defende os direitos da criança homossexual da criança transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança de mudar de gênero caso deseje? O direito da criança à livre autodeterminação sexual e de gênero? Quem defende o direito da criança de crescer num mundo sem violência de gênero e sexual? (PRE-CIADO, 2020, p. 79).

Butler (2024) destaca a necessidade de combater a demonização do gênero e o uso perverso da expressão “ideologia de gênero” pela extrema-direita. O bolsonarismo exemplifica como esse fantasma ainda sustenta o cisheteronormativismo. Segundo Junqueira (2020), os próprios movimentos antigênero são os verdadeiros ideólogos do gênero, ao defenderem uma visão essencialista do masculino e do feminino. Ele aponta que essa ideologia tem origem católica, consolidada no papado de João Paulo II, cuja *Teologia do Corpo* e *Carta às Famílias* (1994) reforçaram uma retórica antifeminista e a defesa da família tradicional.

Em 2021, durante a pandemia da Covid-19, o autor deste trabalho participou de uma entrevista remota<sup>6</sup> ao *Jornal Diário do Nordeste*, na qual discutiu, com outros profissionais de Letras, a importância da linguagem inclusiva nas escolas, diante da diversidade de gênero e da presença feminina nesse espaço. A entrevista gerou reações de políticos defensores da “família tradicional”, que divulgaram vídeos nas redes sociais e chegaram a comparecer à Escola de Ensino Médio Doutor César Cals, onde o autor lecionava, alegando haver “doutrinação” dos jovens. A imagem a seguir mostra integrantes do *Coletivo POESIE-SE!* (2017-2020), grupo de poesia e música criado pelo autor – jovens que, segundo os acusadores, estariam sob influência de tal “doutrinação”.

6 Entrevista disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/linguagem-neutra-e-discutida-por-profissionais-de-letras-saib-a-o-que-e-1.3087720>.

**Figura 2.** Grupo POESIE-SE! composto pelo autor e alunos da EEM Dr. César Cals.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

O período de trabalho na EEM Doutor César Cals compreendeu os anos de 2017 a 2022. Em 2020, o autor iniciou seu processo de transição de gênero e vivenciou uma série de mudanças no espaço profissional, havendo um nascer novamente para seus alunos, seus colegas de trabalho e a construção do seu devir-trans, que é uma perspectiva de vir a ser composta por toda uma ritualística de transmutação do aspecto visual do existir.

Segundo Rodovalho (2017), o prefixo latino “trans” significa “além de”, remetendo à ideia de atravessamento, enquanto “cis” designa “permanecer do mesmo lado”. Em termos gerais, “cis” refere-se à pessoa que se identifica com o gênero atribuído ao nascer, ao passo que “trans” descreve quem não se reconhece nesse enquadramento. No entanto, reduzir as vivências trans a uma simples oposição binária é limitador, pois o termo “trans” engloba uma ampla e diversa gama de identidades reunidas sob um mesmo conceito guarda-chuva.

Preciado (2020, p. 27) concebe que nem o discurso científico nem a lei reconhecem a possibilidade de que um corpo possa ser inscrito na sociedade dos humanos sem aceitar a diferença sexual. O regime da diferença

sexual, segundo o autor, enxerga a transsexualidade e a intersexualidade como patologias marginais e não como sintomas da inadequação do regime político-visual da diferença sexual à complexidade da vida. De modo consoante, a teórica nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí aborda em seus estudos para essa cosmovisão de mundo, de fato, num viés estritamente visual como Preciado aponta, alertando para um movimento de cosmopercepção da vida e dos modos de vivenciarmos as singularidades.

É neste sentido que opera o regime da diferença sexual, que, segundo Preciado, tenta estabelecer um infanticídio sistemático e político: “sobrevivemos à tentativa de matar em nós, quando ainda não éramos adultos e não podíamos nos defender, a multiplicidade radical da vida e o desejo de mudar o nome de todas as coisas” (PRECIADO, 2020, p 39). Sendo assim, quantos infanticídios foram realizados até hoje nas escolas pelo mundo afora?

## 2.1 COSMOVISÃO E COSMOPERCEÇÃO

A questão da diversidade humana, ou, em palavras deleuzianas, das *singularidades* que demarcam a univocidade dos indivíduos, abrange uma série de fatores que, ao longo das fases de transição econômico-política das sociedades, principalmente, na formação do que se constituiu como Estados-Nação, foram sendo moduladas em prol de um sentimento mútuo de nacionalidade, que não poderia mais se ver a não ser como constituído sob a gestão de um Estado soberano, que cuida dos interesses de um povo.

Em busca da construção de uma pátria, no que tange à experiência brasileira, todo um conjunto de discursos e práticas foram se instituindo em prol da construção desse imaginário nacional, que, forjando um presente a zelar e o orgulho de um passado em que a figura indígena, – opondo-se ao branco salvador e ao negro, racializado, portanto, nadificado pela escravidão – era o símbolo exaltado, vide as experiências literárias do Romantismo brasileiro, em sua fase indianista, com o esforço de tecer a

imagem do indígena como o bom selvagem, a figura heroica e com todas as qualidades para representar a nação advinda do caldeamento de três etnias tão distintas que a formaram.

Sobre esse processo de formar-se como nação, a colonização e a racialização dos modos de ver o mundo são a tônica para a expansão da visão eurocêntrica pelo globo. Nessa corrida de dominação pelo mundo, a noção de diferença é vista como degeneração, nas palavras de Oyěwùmí. Essa degeneração vai aparecer quando a noção de corpo, em seu sentido biológico/binarista e para uma noção de normatividade presente no modo ocidental de ver o mundo. Assim, emerge o sentido profundamente visual de apreender o mundo pela ótica do homem branco. Oyěwùmí (2002, p. 3), em seus estudos sobre a cultura iorubá,

O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos.

A cosmovisão corrobora o sentido visual, excludente, que a experiência ocidental direciona de modo etnocêntrico ao seu redor. Consoante a esse debate, Paul Preciado opera sua crítica que se aproxima a esse movimento, engendrado num tipo de capitalismo que dá vazão ao surgimento da *era farmacopornográfica*. Nesse modo político-econômico, os indivíduos, são potencializados e se tornam vítimas da reprodução de um modelo de indivíduo permanentemente excitado pela indústria farmacêutica e audiovisual, sempre em busca de uma satisfação que serve à lógica da perpetuação da heterossexualidade compulsória e do padrão do homem branco cisgênero, consumidor da força de trabalho (sexual) de

seres racializados, deficientes, femininos, transexuais, etc.<sup>7</sup> É preciso desconstruir, dessa forma, como a escola e as demais instituições sociais que podem emergir desse mundo distópico podem promover a ruptura com um mundo em que um corpo, corpa e corpe não deva ser

[...] educado para transformar-se exclusivamente em força de trabalho ou força de reprodução. É preciso defender o direito das crianças, de todas as crianças, de serem consideradas como subjetividades políticas irredutíveis a uma identidade de gênero, de sexo ou de raça (PRECIADO, 2020, p. 73).

Dessa maneira, reconhecendo o direito dos demais indivíduos de exercerem suas subjetividades políticas, insere-se a transmasculinidade do autor como desconcertante no campo educacional, atuando, como um *hacker* do gênero em um espaço que, para a criança que foi no final da década de 1990 era, frequentemente, conflituoso.

Atualmente, o autor é professor concursado na rede municipal de Fortaleza numa Escola Municipal de Tempo Integral localizada na Granja Lisboa, integrada a um complexo de bairros chamado Grande Bom Jardim (GBJ). O GBJ, em recente matéria, foi noticiado como o 4º bairro de pessoas com menor renda da capital<sup>8</sup>, famoso, também, pelo assassinato violento da travesti Dandara Ketley, em fevereiro de 2017. Esses fatores permitem um estado comparativo de panoramas que muito faz pensar sobre quem o autor é e quem se torna a partir do devir minoritário que ousou admitir e como os espaços da periferia, embora potentes e autênticos, podem ser desafiadores quando as raízes da necropolítica<sup>9</sup> encontram morada.

7 Em Pornotopia (2019), Paul Preciado realiza um robusto percurso crítico sobre como a indústria pornográfica de Hugh Hefner construiu o império *Playboy*, fundamentado em um imaginário arquitetônico e midiático que associava a revista a um universo audiovisual de desejo, consumo e poder masculino.

8 Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/quais-os-20-bairros-mais-pobres-de-fortaleza-genibau-lidera-ranking-com-renda-media-de-r-12-mil-1.3677501>

9 Para Mbembe (2018), a necropolítica é um exercício do poder social e político sobre o direito de decidir sobre quem vive e quem morre na sociedade, seja simbólica ou explíci-

### 3 O PROBLEMA DA IDENTIDADE, AS FORMAS DE IDENTITARISMO E OUTRAS FICÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Esta seção desenvolverá – a partir da experiência do autor – percursos de problematização das noções de identidade e identitarismo, analisando como esses termos configuram a subjetividade dos indivíduos e atingem o ambiente escolar moldando comportamentos coletivos sob a égide da cosmovisão cisheteronormativa.

O autor, nascido em 1994, viveu sua infância no fim dos anos 1990, na periferia de Pacatuba, Região Metropolitana de Fortaleza, onde permaneceu até os 25 anos. Suas memórias infantis não registram um momento exato em que se percebeu “diferente”, queer ou trans. Era uma garota considerada “machinho”, com dificuldade em corresponder à feminilidade esperada, interessada por brinquedos tidos como masculinos, dinossauros, bonecos do *Dragon Ball Z* e pelos jogos da Seleção Brasileira de futebol feminino, especialmente por Marta Silva.

Cresceu em uma família de origem popular: pai operário, mãe costureira, um irmão mais velho e uma irmã do meio. Viveu o auge da Teologia da Libertação<sup>10</sup> em seu bairro, marcada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que uniam fé e compromisso social. Nesse ambiente, desenvolveu uma espiritualidade plural e crítica, participando ativamente de ações progressistas, especialmente na coordenação da Pastoral da Juventude. Nesse espaço religioso, que o formou política e identitariamente, viveu seus primeiros afetos sáficos e se reconheceu cedo com um propósito profissional para a educação.

---

tamente, demarcando uma forte do capitalismo neoliberal, existente desde a expansão da Empresa Colonial e da Escravidão.

10 Ao longo dos anos, à Teologia da Libertação (TL ou TDL) foram se somando críticas e urgências dos diversos feminismos, do movimento LGBTQIAP+ e de outras interseccionalidades que mostram a necessidade da atualização da religiosidade progressista na América Latina frente a demandas emergentes. Ler: “Como viver uma fé queer? Os desafios das teologias da libertação, as tensões entre o exercício da fé e as dissidências sexuais” (2020), de Gabriela González Ortuño.

Voltar à escola como professor, espaço onde mais sentira violências, foi, para ele, uma espécie de vingança simbólica, um gesto de reapropriação. Recordo o episódio em que, na infância, ao se confundir nas filas separadas por gênero, ouviu de um adulto o comentário irônico “Há algo de errado aqui, né?”, seguido de risadas. Na lógica binária e excludente daquela escola, ele só podia ser visto como “sapatona”<sup>11</sup>, e o primo, como “viado”<sup>12</sup>. Tal episódio, entre tantos outros, remetem a uma pessoa que ele foi, que, a todo instante, queria despistar o mundo cisheteropatriarcal de sua possível traição. Sentia medo de que seus trejeitos, seus gostos e suas preferências o denunciassem. Esse silêncio ou o escárnio do mundo ao seu redor diante das questões de gênero e de sexualidade em sua infância dissidente corrobora Foucault (2015, p. 8), ao afirmar que

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei, nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe como não deve existir e a menor manifestação falou ao desaparecer, sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabem-se muito bem que não tem sexo. Boa razão para interdita-lo. Razão para proibi-las de falarem dele. Razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo. Razão para impor o silêncio geral e aplicado.

A vingança ou raiva sagrada, retomando Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia, manifesta-se hoje como a potência de exercer, com crianças e jovens, um agenciamento amoroso e político na escola, o que Paul Preciado chama de formigueiro: uma multidão que afirma, com coragem e êxtase, suas existências dissidentes. Contudo, alguns teóricos alertam para o risco de certos movimentos identitários se tornarem alvos do capi-

11 Denominação frequentemente associada a um modo pejorativo dado a mulheres que se atraem por outras mulheres

12 Essa é uma das denominações mais frequentes, na região Nordeste, de se denominar pejorativamente um homem gay. Em contrapartida, viado e a denominação anterior, sapatona, são utilizadas na atualidade por muitos indivíduos que assim se identificam de modo a ressignificar essa linguagem negativa e dotá-la de orgulho e empoderamento.

talismo de crise e de sua gestão das subjetividades, questão que será abordada no tópico seguinte.

### 3.1 A ILUSÃO DA IDENTIDADE E AS FORMAS DE IDENTITARISMO

Conforme Barros (2024), a identidade, como uma ilusão do ser humano em busca de uma expressão totalizante do que se é e do que se torna, toma emprestado da linguagem as possibilidades de elaboração do que vem a ser, principalmente, pela experiência humana que se dá em sociedade, no modo relacional e coletivo de vida que é tecida, se assemelhando, se diferenciando e construindo seus emparelhamentos. Assim, lidar com a diferença, para o ser humano, significa buscar seu mapeamento, mas, receber a frustração de perceber-se sempre outro e mutável. Na atualidade, a linguagem ganha uma poderosa aliada, potencializada pelo meio informacional tecnologicado, a imagem:

Através da revolução da tecnologia da informação, da reestruturação produtiva e da globalização dos mercados, agora interconectados em tempo real, a relação com o espaço se transformou de maneira radical e a mediação da palavra foi substituída pelo totalitarismo da imagem. Essa mudança na produção e na reprodução da vida social alterou de maneira dramática as formas ideológicas que governam o imaginário coletivo. É nesse ponto que o neoliberalismo se torna uma cosmovisão que não só orienta a relação econômica, como constrói o discurso que dá sentido à ação individual (BARROS, 2024, p. 26-27).

Ancorado na ideia de cosmovisão, “a era do espetáculo integrado, pensada por Debord, revelou o domínio totalitário da imagem, que será violentamente defendida por progressistas ou reacionários” (BARROS, 2024, p. 167) surge o identitarismo. Slogans e frases de ordem como “Negros no topo” e “Mulheres no topo”, por exemplo, exemplificam uma ficção neoliberal, que, no capitalismo de crise, por vezes, indivíduos não conseguem sequer questionar quais foram as lógicas que os racializaram e os generificaram. Para ele, ainda,

Ser de esquerda ou de direita se tornou algo relacionado à adesão a uma imagem, e não uma mediação reflexiva sobre um projeto político. O campo é este: uma finalidade inteiramente ligada à promoção emotiva que cause o movimento catártico da representação de si. Essa representação egoica promove a identificação e o culto à identidade. Tudo passou a se referir a esta, e a mediação racional foi substituída pela ligação performática entre usuários e por um carisma mitificado pela demanda de pertencimento, mediado geralmente, pelo culto à personalidade – representada por uma celebridade ou por um *influencer* (BARROS, 2024, p. 166).

Nesse rumo, Barros (2024) identifica ramificações do fenômeno do identitarismo: o *reacionário-sagrado* e o *progressista-laico*<sup>13</sup>. Definindo ambos: enquanto o primeiro se identifica como uma extrema-direita em busca dos valores perdidos, composto por uma identidade avessa a um suposto inimigo comum (normalmente, grupos minorizados e pessoas racializados), adepta de uma violência sacrificial de grupos considerados menos fortes e/ou descartáveis; o segundo tipo baliza-se na adequação das identidades historicamente excluídas ao modelo de mercado, à judicialização de uma suposta conquista de direitos na era liberal.

Adicionando a essas ramificações do identitarismo proposto por Barros (2024), o presente trabalho identifica outra categorização do fenômeno, a qual nomeia *identitarismo extremo*, identificada como uma preocupação de segmentos progressistas (compostos por uma intelectualidade não-LGBTQIAP+, normalmente, mulheres e homens cisgênero, heterossexuais, brancos, de classe média) ante a intensa presença de indivíduos racializados, generificados, pornificados, subalternizados em lócus

---

13 O conceito de identitarismo progressista-laico comunga com terminologias, que embora pouco utilizadas no contexto brasileiro, possuem confluência e ressonâncias. Exemplo disso é o conceito de homonacionalismo, formulado por Jasbir Puar, como uma crítica de como os discursos liberais sobre direitos LGBT constroem uma narrativa de progresso e modernidade que privilegia apenas determinados grupos, enquanto reforçam exclusões raciais, culturais e nacionais. Esse processo articula o reconhecimento de direitos e o poder de consumo de sujeitos LGBTQ+ ao fortalecimento de políticas estatais de vigilância, encarceramento e controle. Relaciona-se à homonormatividade, discutida por Lisa Duggan, entendida como a assimilação dos valores heteronormativos (monogamia, família e consumo) pelas próprias identidades LGBT, gerando uma cidadania limitada e ajustada ao neoliberalismo.

de reivindicação acusando os grupos minoritários como desvirtuadores do real foco numa luta mais legítima, a qual seria a luta de classes. Segundo Quinalha (2022), o desgaste em torno das pautas identitárias é um debate antigo, presente desde os novos movimentos sociais dos anos 1960, que buscaram unir demandas por reconhecimento e lutas de classe. Mesmo entre opositores da ditadura empresarial-militar, persistia a visão das homossexualidades como “desvio” ou “decadência moral”. Para o autor, é essencial construir, de forma interseccional, alianças amplas entre as lutas contra o capitalismo, o racismo, a misoginia, a crise ambiental e a perda de direitos sociais.

Entre mitos e perigos, o essencial é reconhecer que formas de resistência ao binarismo de gênero, aos papéis fixos e à heteronormatividade sempre existiram — e cabe à escola ser o espaço de ruptura dessas violências. Contudo, mesmo com documentos que reforçam a importância de discutir diversidade sexual e de gênero e com a garantia legal do uso do nome social, o ambiente escolar ainda é atravessado por desafios marcados pela intolerância, pela discriminação institucional e pela rigidez dos padrões de gênero. O desafio, então, é construir juntos, juntas e juntas uma educação rizomática, insistente em tecer novos amanhã.

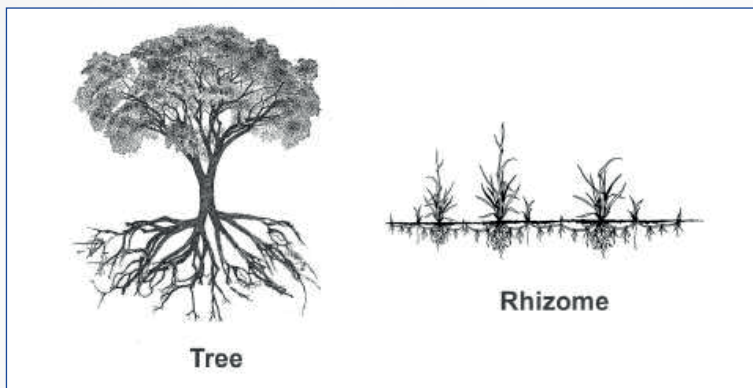
#### **4 POR UMA EDUCAÇÃO RIZOMÁTICA PARA TODAS, TODOS E TODES**

Esta seção tem como intuito se dedicar à explanação do conceito de educação rizomática e de como é uma maneira potente de se pensar as relações dentro da escola e a desconstrução de imagens imutáveis e ficções que tomam o terreno do aprender.

É necessário, pois, ampliar a noção de imagem já trabalhada na seção 1 associando-a mais estreitamente ao exercício do pensar, que tudo tem a ver com Educação. Nesta seção, vamos amplificar imagem e associá-la a rizoma, no sentido atribuído por Gilles Deleuze e Félix Guattari, filósofos da Diferença, para melhor ser compreendido o enlace que este trabalho

pretende tecer com o campo educacional. a fim de ilustrar tal propósito, a seguir há uma arte dos artistas-pesquisadores Kevin Murray e Katerina Gloushenkova, a qual demonstra as características/diferenças da árvore e do rizoma.

**Figura 3.** Configuração arbórea x configuração rizomática.



**Fonte:** Porto, 2023.

A árvore ou a raiz evocam o que Deleuze e Guattari (2011, p. 44) chamam de “triste imagem do pensamento”: essa ânsia de o pensamento humano, tomado pela reconhecimento, afastar-se da diferença. Pensar a diferença, como lembra Schöpke (2012), é romper com a “imagem moral ou ortodoxa” que, desde Sócrates e Platão, molda o pensamento ocidental. É Platão quem divide o mundo em dois (o Além, ideal e puro, e o Aquém, sensível e imperfeito), lançando sobre este último o peso da suspeita, das cópias, dos simulacros. Pensar sem imagem é, então, desatar-se dessas amarras: é inventar, experimentar, traçar linhas de fuga para além dos modelos fixos. Nesse exercício, o Mundo-Aquém e o Mundo-Além já não cabem. Resta o espaço vivo de um pensamento que afirma a vida — onde, sabedores de sua inacabada condição, os seres não se curvam ao puritanismo, mas se abrem à potência do que ainda pode vir a ser.

Pensar a diferença foge à ideia de pensamento moral da razão clássica e às ficções por elas criadas, e faz-se de modo ético, pois afirma a vida, não a colocando como submissa a si. A vida, por sua vez, ativa o

pensamento, desconstruindo a recongnição. Pensar não é reconhecer: é ser forçado a pensar. Nesse panorama sobre pensar, para Deleuze e Guattari, um rizoma não começa nem conclui, encontra-se sempre no meio, entre as coisas, *intermezzo*. A árvore funda-se como filiação, mas o rizoma é aliança: “A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-49). O modelo arborescente de educação, assim, contraria a horizontalização das relações rizomáticas, que se conecta à possibilidade de *disjunção inclusiva*, um tipo de conexão que pensa por multiplicidade, em caráter aditivo e agregador:

O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de “devires” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43-44).

Rizomático, o campo educacional não tem centro, começo ou fim: cresce por conexões inesperadas, saltos, multiplicidades. É a educação rizomática uma vivência no chão da escola que rompe com a linearidade da aula tradicional e lança luz à multiplicidade dos saberes – incluindo os da “quebrada”, os de corporeidades dissidentes, os de todas as periferias (físicas e figuradas) em relação aos centros das hegemonias – proporcionando ao campo educacional uma experiência-*bricoleur* assemelhando-se à força proveniente de combinações extemporâneas da arte. Por isso, a educação, além de uma ética, é uma experimentação estética.

Um exemplo disso foi o caso de Yago Savalla, um jovem que viralizou nas redes sociais em 14 de junho de 2025, após performar a canção “Homem com H”, em uma apresentação no Colégio Salesiano de Salvador, no estado da Bahia. Yago Savalla, de 16 anos, fez uma performance em homenagem ao artista Ney Matogrosso, em comemoração aos 125 anos do Liceu Salesiano da Bahia. Após meses de pesquisa, Yago e sua turma apresentaram-se trazendo reflexões sobre o Brasil nas décadas de

1970 e 1980<sup>14</sup>. O fato impressionou o público pelo talento e encanto do jovem aluno, chamando a atenção à similar força criadora de Ney.

**Figura 4.** Aluno interpretando Ney Matogrosso.



**Fonte:** CNN Brasil, 2025.

A canção “Homem com H” possui um ritmo e sonoridade que con-dizem elementos rítmicos e instrumentais que fazem remissão ao forró nordestino e que combinam com o mês festivo destinado, principal-mente, à temática de Festas Juninas, encarnadas de modo intenso na Região. O elemento provocador do estranhamento ou da sensação inusi-tada do novo, foi a criativa interpretação do adolescente a partir do que tinha de referência de Ney Matogrosso, pois um misto de combinações contra-hegemônicas são trazidas à tona na gama de agenciamentos para tal acontecimento:

- I. *Repetição da Diferença por meio da disjunção inclusiva (e... e... e).*  
O jovem dança com trejeitos e trajes que remetem a Ney Mato-

14 SALESIANOS.BA, vídeo publicado no *Instagram*, 21 jun. 2025, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DLAu1hbOqJP/>, acesso em: 5 jul. 2025.

grosso em sua época de “Secos e molhados”. De fato, há similitude entre os dois, mas não é Ney. Ali, é Yago fazendo sua experimentação, retornando, sem precisar ser uma negação a Ney, *sendo* sem precisar ser o oposto a. Ney também percebe isso e ele próprio afirma em recado ao jovem artista: “O que eu mais gostei foi que você não me copiou, inspirado em mim, criou a sua própria performance! Parabéns!”<sup>15</sup>, em postagem no vídeo do *Instagram*.

- II. *Experimentação sem gestão da diferença*. A canção, composta pelo artista nordestino Antônio Barros, ironiza o ser homem e os estereótipos de masculinidade. Ao interpretá-la numa festa de escola, sendo este espaço uma instituição social ritualisticamente carregada de tensões entre signos relacionados, principalmente, o gênero e sua construção, Yago – assim como Ney Matogrosso, que com sua androginia singular, desafiou o poder cisheteronormativo ao interpretá-la em plena Ditadura Empresarial Militar na década de 1980 – também produziu diferença, pois, trouxe para o ambiente escolar a possibilidade de debate sobre novas conjecturas do que pode um corpo masculino no campo estético e no modo como as masculinidades femininas podem exercer seu *devir-bricoleur* no universo cultural da cultura nordestina, que ainda prevê imagens fixas em seu ideário que sufocam ou reprimem outras formas de ser homem nordestino<sup>16</sup>.

15 SHOWMUSICAL, vídeo publicado no *Instagram*, 16 jun. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DK-QpHBRgC6/?igsh=a3A4MndubTVub3Zk>. Acesso em: 5 jul. 2025

16 Os estudos de Albuquerque (2003) abordam a construção do “tipo nordestino” como resultado de um conjunto de representações que o associam ao mundo rural, à tradição e a uma postura de resistência diante das transformações modernas que marcaram o Brasil a partir do século XIX. Essa figura é apresentada como um sujeito rústico, ligado à terra e distante da modernidade urbana e capitalista que se consolidava no país. Contemporâneo da emergência do “cowboy” nos Estados Unidos, o nordestino também simboliza uma resposta à crise de masculinidade identificada por Elizabeth Badinter no período, vivida de forma intensa pelas elites regionais. Essa crise, motivada pela mudança do papel das mulheres, dos filhos e da própria estrutura familiar, foi percebida como um sinal de enfraquecimento social e moral, levando à criação de um novo modelo de homem (forte, viril e resistente) que deveria representar a continuidade e a força das tradições nordestinas.

III. *O campo educacional como espaço liso (livre trânsito de forças).*  
O jovem, junto a seu grupo de amigos, motivados por uma tarefa instigante da curiosidade, exerceram o pensar a diferença dentro do ambiente educacional. Nesta travessia, a trajetória de estudo e de experimentação na construção da performance e no que puderam entender sobre a arte brasileira nas décadas de 1970 e 1980 e seu poder de *agenciamento maquínico*, com a junção de forças heterogêneas, desejos, palavras, linguagens operando em diversos níveis na elaboração de um cenário estético-político insurgente à repressão ditatorial da época.

O caso de Yago Savalla ilustra o que Deleuze reconhece como a vizi-nhança entre arte e filosofia: ambas podem agir como forças que rompem com os pensamentos sedentários e criam devires. Contudo, sem idealizações, é preciso lembrar que arte e filosofia também já serviram à lógica da dominação estatal. Assim, pensar a diferença e seus agenciamentos é abrir espaço para uma educação rizomática, capaz de gerar linhas de fuga que desestabilizam estruturas verticais. Nessa perspectiva, o campo educacional se torna um ensaio estético e ético da realidade. Como lembra Paulo Freire, não há docência sem discência – professor e estudante se criam no encontro, onde o pensamento se faz imanência viva.

## 5 À GUIA DE CONCLUSÃO: POR UMA ESCOLA PARA TODAS, TODOS, TODES

As reflexões tecidas ao longo deste trabalho evidenciam que o chamado “identitarismo extremo”, frequentemente utilizado como forma de deslegitimar as pautas de gênero, sexualidade e raça, funciona, na verdade, como uma ficção política sustentada pelo regime da diferença sexual. Tal regime, como apontam Preciado (2020, 2022), Butler (2024) e Oyěwùmí (2002), mantém-se operante na medida em que produz e reproduz a lógica binária e hierarquizante dos corpos e das subjetividades.

No espaço escolar, essas ficções se materializam em práticas que naturalizam a exclusão e silenciam as experiências dissidentes, reafirmando o controle sobre o corpo e o desejo, em nome de uma pretensa neutralidade pedagógica. A escrita deste texto, atravessada pelas vivências de um docente trans, permitiu compreender que a presença de pessoas trans na docência não apenas rompe com o imaginário cisheteronormativo do que é ser professor, mas também inaugura novas possibilidades de ver, sentir e produzir conhecimento. O devir-trans, nesse sentido, não é apenas um processo individual, mas uma potência coletiva que tensiona o próprio conceito de humanidade e desafia os limites da escola como instituição moderna e disciplinar.

Ao retomar autores como Quinalha (2022), Barros (2024), Deleuze e Guattari (2020), compreende-se que o identitarismo, tanto o reacionário quanto o progressista, aprisionam as subjetividades em categorias fixas, nas armadilhas da ilusão da identidade. O desafio é, portanto, pensar a identidade não como essência, mas como travessia: um rizoma de possibilidades em constante movimento. Assim, torna-se urgente defender uma educação rizomática (conceito inspirado na filosofia deleuziana) que rompa com as estruturas verticalizadas do saber e promova o encontro entre singularidades, sem reduzi-las à norma. Uma educação que valorize a experiência, o afeto e a pluralidade como fundamentos ético-políticos da convivência. Em tempos de retrocessos e de discursos de ódio com roupagens de moralidade, é imprescindível reconhecer a escola como um território de disputa simbólica e de resistência. Para além de um “Eu” e um “Outro”, talvez, seja possível desconfiar de que, assim como Gilles Deleuze, seja razoável admitir que exista, na verdade, um “Diferente-Diferente”. Afirmar nossa própria diferença pode ser o caminho sincero para dar vazão à multiplicidade que, embora medicalizada, catequizada e reprimida, vez ou outra, emerge à superfície, estranha, rizomática, e nos relembra de que somos todos alteridades.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Prefácio de Maria Izilda S. de Matos. Maceió: Edições Cata-vento, 2003.

BARROS, Douglas Rodrigues. **O que é identitarismo?** São Paulo: Boitempo, 2022.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** / Judith Butler ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2024. 272 p. ; 23 cm.

CNN BRASIL. **Jovem que viralizou dançando Ney Matogrosso vai desfilar no Carnaval 2026**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/jovem-que-viralizou-dancando-ney-matogrossovai-desfilar-no-carnaval-2026/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**; tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. – 6a ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1 / Gilles Deleuze e Félix Guattari; tradução de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Editora 34, 2011 (2a Edição). 560 p. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2, vol. 1 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra e Celia Pinto Costa. – São Paulo: Editora 34, 2011 (2a Edição). 128 p. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 2, vol. 5 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Editora 34, 2012 (2a Edição). 264 p. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 560 p. (Coleção Trans).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e educação**: um campo e muitos caminhos. *Linhas Críticas*, [S. l.], v. 21, n. 44, p. 19-37, 2015. DOI: 10.26512/lc.v21i44.4463. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4463>. Acesso em: 4 ago. 2025.

GUSSI, Alcides Fernandes. **Pedagogias da experiência no mundo do trabalho: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um banco público estadual**. 2005. 356 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/32514>.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://campanha.org.br/analises/rogerio-diniz-junqueira/a-ideologia-de-genero-existe-mas-na-o-e-aquilo-que-voce-pensa-que-e/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

LEMOS, Mariana. Quais os 20 bairros mais pobres de Fortaleza? Genibaú lidera ranking com renda média de R\$ 1,2 mil. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 06 ago. 2025. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>. Acesso em: 31 ago. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica / Paul Preciado ; traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. – São Paulo : n-1 edições, 2018. 448 p. ; 13cm x 20 cm.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas de travessia / Paul B. Preciado ; tradução Eliana Aguiar ; prefácio Virginie Despentes. – 1a ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala** : Relatório para uma academia de psicanalistas / Paul B. Preciado : tradução Carla Rodrigues. – 1a ed. – Rio de Janeiro : Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi : O som do mundo desmoronando* / Paul B. Preciado ; tradução Eliana Aguiar. — 1a ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2023.

MAGENTA, Matheus. **O que é ser bolsonarista?** BBC News Brasil, Londres, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490534>. Acesso em: 29 out. 2025.

ORUÑO, Gabriela González. Como viver uma fé queer? Os desafios das teologias da libertação, as tensões entre o exercício da fé e as dissidências sexuais . *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje:** sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 207- 220.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́ . **Visualizing the Body:** Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

PORTO, Lilia. **Como fugir do senso comum para inovar?** Rizomas podem ajudar. Disponível em: <https://ofuturodascoisas.com/ampliar-ideia-rizomas-podem-ajudar/> Acesso em: 3 jul. 2025.

PUAR, Jasbir K. Homonacionalismo como mosaico: viagens virais, sexualidades afetivas. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje:** sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 159-185.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes :** A ditadura e a repressão À comunidade LGBT / Renan Quinalha. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021. - - (Coleção arquivos da repressão no Brasil / coordenação Heloisa M. Starling.)

RODOVALHO, Amara Moira. **Cis by trans.** Revista Estudos Feministas, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017.

**SALESIANOS.BA.** [Vídeo]. Instagram, 21 jun. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DLAu1hbOqJP/>. Acesso em: 5 jul. 2025.

**SHOWMUSICALL.** [Vídeo]. *Instagram*, 16 jun. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DK-QpHBRgC6/?igsh=a3A4MndubTVub3Zk>. Acesso em: 5 jul. 2025.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença:** Gilles Deleuze, o pensador nômade / Regina Schöpke. – 1. reimpr. – Rio de Janeiro : Contraponto, 2012.